de. Disponível em:. Acesso em: 23 de abril de 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOPEDAGOGIA. Diretrizes Básicas da Formação de Psicopedagogos no Brasil. São Paulo, 12 de dezembro de 2008. BEISIEGEL, Celso de Rui. Paulo Freire. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

FONSECA, Vitor. Manual de observação psicomotora: significação psiconeurológica dos fatores psicomotores. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)

LUCK, Heloísa. A escola participativa: o trabalho do gestor escolar. 7. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MINETTO, Maria de Fátima. Currículo na educação inclusiva: entendendo esse desafio. 2.ed. rev. atual. ampl. – Curitiba: Ibpex. 2008.

OLIVEIRA, Luiza Maria Borges. Cartilha do Censo 2010 – Pessoas com Deficiência. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) / Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD) / Coordenação-Geral do Sistema de Informações sobre a Pessoa com Deficiência; Brasília : SDH-PR/SNPD, 2012.

PAN, Miriam Aparecida Graciano de Souza. O direito à diferença: uma reflexão sobre deficiência intelectual e educação inclusiva. Curitiba: Ibpex, 2008.

O USO DAS TECNOLOGIAS NAS AULAS DE ARTE COMO RECURSO DIDÁTICO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

SIMONE MIRANDA DE SALES

RESUMO

A disciplina de arte sofreu muitas mudanças e desafios para conquistar o espaço nos currículos e discussões educacionais, direcionando à necessidade de formação docente adequada. A prática nas aulas de arte depende de um professor que transforme a teoria, seu saber e fazer artístico em propostas pedagógicas consistentes que estejam presentes na realidade do discente, sendo fundamental uma abordagem dinâmica e contextualizada. Na disciplina de arte, o uso das tecnologias pode auxiliar nessa transformação da disciplina em algo significativo ao estudante, sendo aproveitado para atividades que envolvam diferentes estratégias de ensino, buscando possibilitar reflexão discente, expressão de ideias, ampliação da capacidade comunicativa, entre outros fatores. O objetivo deste estudo é identificar as dificuldades que a disciplina de arte enfrentou até ser reconhecida nas escolas. A relevância do tema justifica-se na necessidade de compreensão de que a arte propõe ao indivíduo uma ligação racional. Para tanto, utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica com revisão de literatura, que permitiu identificar que existem dificuldades e resistências nas aulas, mas o professor precisa ter consciência de sua importância na educação dos alunos e de sua disciplina.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Anos Iniciais; Professores; Tecnologia.

ABSTRACT

The art discipline has undergone many changes and challenges to conquer space in educational curricula and discussions, leading to the need for adequate teacher training. The practice in Art classes depends

on a teacher who transforms the theory, his knowledge and artistic practice into consistent pedagogical proposals that are present in the reality of the student, being fundamental a dynamic and contextualized approach. In the Art discipline, the use of technologies can assist in transforming the discipline into something meaningful to the student, being used for activities that involve different teaching strategies, seeking to enable student reflection, expression of ideas, expansion of communicative capacity, among other factors. The aim of this study is to identify the difficulties that the discipline of Art faced until it was recognized in schools. The relevance of the theme is justified by the need to understand that Art proposes a rational connection to the individual. For that, bibliographic research with literature review was used as methodology, which allowed to identify that there are difficulties and resistance in the classes, but the teacher needs to be aware of its importance in the education of students and their discipline.

KEYWORDS: Art; Formation; Teachers; Technology.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta como tema a formação do professor de arte, seu conhecimento sobre a disciplina e o compromisso com a educação de qualidade, de acordo com as políticas públicas educacionais e as estratégias para melhorar as aulas de arte na Educação Básica. A intenção é contribuir para a necessária mudança nas perspectivas do professor, quanto ao profissionalismo e valorização educacional.

A relação de aula de arte à construção de desenhos isolados, sem propósitos, ou na reprodução de obras famosas deve ser quebrada. É necessário o estímulo da

criatividade dos alunos, construindo as percepções e compreensão dos elementos básicos da arte. Os professores também devem apreciar e conhecer a disciplina na sua realidade com todas as formas, passando de graduados em arte a entendedores das linguagens (RUZZA, 2008).

O objetivo deste estudo é identificar as dificuldades que a disciplina de arte enfrentou até ser reconhecida nas escolas, refletindo na qualidade do ensino e na formação dos professores. Dentre os objetos específicos, estão: relacionar a importância do uso de tecnologias em sala de aula para atingir os alunos de maneira pontual e eficaz; transformar a sala de aula em um ambiente familiar ao estudante, respeitando sua bagagem e seu prévio conhecimento sobre o mundo.

A relevância do tema justifica-se na necessidade de compreensão de que a arte propõe ao indivíduo uma ligação racional entre pensamento, intuição, imaginação, sensibilidade e criação, dependendo de estratégias no ensinar e aprender, adaptando as novas mudanças nas políticas públicas, direcionadas às transformações do trabalho docente.

Os procedimentos metodológicos utilizados para elaborar este trabalho basearam-se em pesquisa bibliográfica com revisão de literatura, buscando direcionamento em documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais.

A EVOLUÇÃO DO ENSINO DE ARTE

A aprendizagem de arte no Brasil apresenta um histórico de evolução desde o período colonial até os dias atuais, porém, esta evolução não pode ser reconhecida como um progresso. Muitos profissionais da educação ainda estão engessados e não aproveitam as tecnologias e informações que são de fácil acesso para ensinar de maneira lúdica e interessante, afinal, os alunos de hoje em dia são muito diferentes dos alunos da época colonial (COSTA, 2008)

Para Siqueira (2010) é possível distinguir o perfil do professor antigo com o professor atual a partir de uma breve análise comparativa, a fim de refletir as principais características da educação artística ao longo dos tempos. Alguns profissionais são desinteressados e acabam prejudicando a

aprendizagem de seus alunos quando desconhecem a realidade dos estudantes e não transformam suas aulas em algo dinâmico, que desperte a vontade e curiosidade do aluno.

No período colonial (1500 – 1822), a educação predominante acontecia em residências, com privilégios às classes altas, excluindo a população pobre. As massas eram analfabetas, propensas à submissão sem questionamento e a ênfase direcionava-se ao estudo da literatura, ou seja, os traços artísticos não eram ressaltados (DOZZA, 2009)

O acesso à educação era oportunizado apenas aqueles com condições, ou seja, quem tinha uma situação financeira reconhecida, obtinha a educação necessária para manter o nome da família, bem como seu status. Já aqueles que nasciam pobres, permaneciam desfavorecidos, sem perspectiva de melhoria ou progresso de classe (SIQUEIRA, 2010).

Em 1882, com o Império no Brasil, começam as aprendizagens por reprodução de modelos, com o surgimento da Academia Imperial de Belas artes, no Rio de Janeiro (PIMENTEL, 2011).

A Proclamação da República apresenta algumas reformas na educação com a escola tradicional, mas nada que possa ser classificado como modelo marcante ou realmente significativo. O ensino de desenho é voltado ao aprimoramento da indústria; a música e os trabalhos manuais compõem o currículo escolar. A partir de então a arte começa a nascer para as pessoas (COSTA, 2008).

Apenas em 1931 com o Movimento Educação pela arte, a importância do estudo da disciplina é reconhecida, porém ainda encontrado com influências da arte moderna. Em 1960 e 1970, a arte na Escola Tecnicista instalou-se no Brasil, visando os interesses da indústria e a preparação dos alunos para o mercado de trabalho. Apenas em 1980 observam-se conteúdos relacionados à cultura das realidades sociais (DOZZA, 2009).

Com a implantação da Lei das Diretrizes e Bases (LDB - Lei 9.394/96) que propõe melhoras na qualidade da aprendizagem, o ensino de arte torna-se obrigatória no currículo com a divisão em quatro linguagens: arte visual, música, dança e teatro; os professores de arte passam a priorizar o processo de fazer (produzir), apreciar (observar) e refletir (SILVA, 2010).

A reforma educacional representa o grande foco de pesquisadores que buscam a melhoria na educação por meio de mudanças positivas que valorizem a

educação e as formas de ensino, porém poucos dedicam seus estudos a investigação de como as reformas atingem as relações de trabalho (RUZZA, 2008).

Em 1980 as mudanças nas políticas educacionais iniciaram um processo de reconstrução do ensino após o regime militar. A sociedade passou a pressionar por alterações dos padrões de educação conhecidos até então, mas só com a implantação da Lei das Diretrizes e Bases (LDB - Lei 9.394/96) a educação alcançou uma política considerável (DOZZA, 2009).

A disciplina de arte, conhecida até então como educação artística, precisou vencer barreiras e quebrar paradigmas. O fato de não ser considerada matéria, mas uma área generosa, sem contornos físicos, apenas tendências de interesses acarretou na falta de profissionais graduados e forçou o governo entre 1970 e 1980 a oferecer cursos de preparação de professores de arte com dois anos de duração, formando profissionais de arte polivalentes, ou seja, professores aptos a trabalhar as linguagens plásticas, teatrais, musicais e de dança (SILVA, 2010).

Assim, a arte era voltada às atividades com fins recreativos ou de apoio para as demais disciplinas, reforçando os conteúdos do currículo, com propostas isoladas que desenvolviam apenas técnicas artísticas, sem enfatizar o raciocínio do aluno, a lógica, a indução e a percepção da realidade (VENTURELLI, 2010).

As leis n. 10639/2003 e 11.645/2008 também atingem diretamente a formação dos professores de arte, com o estudo da

História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena obrigatório na Educação Básica, publica e privada (SALOMÉ, 2010).

Segundo Siqueira:

Mesmo com os processos das políticas públicas para fazer valer a concepção do ensino da arte nas escolas públicas, é muito difícil a luta contra a ideia do ensino da arte ser encarado como momento de recreação. E não podemos esquecer que além do despreparo dos professores há, também, falta de entusiasmo por parte de muitos (SIQUEIRA, 2010, p.102).

Portanto, o professor de arte precisa reconhecer a dificuldade que sua disciplina enfrentou até ser alcançar autonomia e força nos currículos educacionais, com as linguagens valorizadas durante toda a Educação Básica. Neste contexto, a preparação das aulas precisa estar apresentar, além dos conceitos estudados, o entusiasmo e vontade de ensinar, assim o estudante será "contaminado" com as perspectivas do professor, ampliando as chances de sentir a satisfação em aprender arte.

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTE

O pouco conhecimento sobre o passado das dificuldades que a disciplina de arte enfrentou até ser reconhecida nas escolas é um fator gerador de profissionais que valorizam o novo, deixando as raízes do progresso da educação um pouco de lado (SELIA E LOBÃO, 2013).

Os professores estudam pouco a história do ensino de arte e suas vertentes, deixando, por muitas vezes, de compreender e discutir melhorias nas práticas pedagógicas sobre métodos e conteúdos artísticos de extrema relevância que deveriam ser estudados pelos alunos da Educação Básica (VENTURELLI, 2010).

Esta ausência de conhecimento pela história da disciplina de arte no Brasil faz com que profissionais especialistas abordem superficialmente os conteúdos nas escolas, logo a disciplina de arte acaba sendo rotulada preconceituosamente como supérflua, ou apenas um acessório da cultura, devido à falta de valores (RAMALHO, 2009).

Especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, os estudantes resistem a determinadas situações de aprendizagem e acabam associando a aula de arte à reprodução de figuras, por exemplo, deixando os professores desanimados quando pretendem tratar realidades históricas ou propostas que fogem do "desenho livre", logo, acabam cedendo ao tradicionalismo devido à relutância dos alunos (VENTURELLI, 2010).

Para Ferreira (2011), o aprendizado da disciplina nos anos iniciais do Ensino Fundamental ficou voltado às cópias e reproduções formais de exercícios; a música era caracterizada como estética e os desenhos como trabalhos manuais. O preconceito contra estes trabalhos manuais acontecia devido à ligação aos escravos e pobres: a burguesia afastava-se destes trabalhos para deixar clara sua posição social e só encaravam este tipo de arte como lazer. Aqueles que eram livres só praticavam arte voltada à indústria, nunca a trabalhos manuais.

Para Selia e Lobão (2013), o ensino de arte nas escolas públicas desde o século XX, principalmente anos iniciais do Ensino Fundamental, considerando a regulamentação da disciplina de arte, a formação do professor relacionado aos impasses contemporâneos, revela que as tendências dos assuntos tratados em sala de aula demonstram preocupação com a especialização do professor e não ao seu conhecimento especifico, ou seja, a especialização da parte do profissional é mais importante do que o todo.

O aperfeiçoamento dos professores da Educação Básica, principalmente que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, não pode ficar restrito a graduações visando aprofundar o conhecimento específico e esquecendo da importância de conhecer as reais condições de desenvolvimento e trabalho desses professores (VENTURELLI, 2010).

Alguns cursos oferecem uma variação que vai de cursos objetivos a realização de congressos, participação em seminários, conferências e apresentação de trabalhos em eventos, ou seja, propõe a utilização do material didático que não seja exclusivamente livro, estágios, laboratórios de pesquisa, formação complementar pedagógica e outras ações (SELIA E LOBÃO, 2013).

Para Ferreira (2011) existem diversidade e variedade de atividades que deveriam estar em conjunto as políticas educacionais para promover um espaço em que os professores pudessem discutir e debater ideias e trocar conhecimentos a respeito da melhoria do processo ensino-aprendizagem, a partir de experiências já vividas.

O ensino de arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental leva ao despertar da sensibilidade para ler o mundo além das palavras, desenvolvendo a criatividade e imaginação, proporcionando experiências estéticas de modo a incentivar o individuo a prestar mais atenção a sua volta (COSTA, 2008).

A formação dos professores de todas as disciplinas está prevista nas Diretrizes Curriculares Nacionais, exigindo plena graduação em nível superior dos professores de Educação Básica. Estas Diretrizes reformulam a formação do docente com a aproximação da instituição formadora ao sistema de ensino educacional, a fim de contemplar uma ligação realista entre o que a graduação ensina e o que é vivenciado em sala de aula (PIMENTEL, 2011).

Para Ferreira (2011), além de fundamentação teórica de base sólida, o professor apto deve incentivar a promoção de vivências e reflexões dos alunos, inserindo a aprendizagem à realidade. Esta situação cabe aos docentes de todas as disciplinas e, no caso de arte, a capacidade cognitiva e de construção também deve ser desenvolvida.

Para contemplar a aprendizagem plena e eficaz dos profissionais da Educação, assuntos como os conteúdos trabalhados na Educação Básica deveriam ser mais discutidos no curso de graduação, a fim de que o graduando conheça a realidade da educação para atingir seu aluno quando entrar em uma sala para ministrar aulas (VENTURELLI, 2010).

A Educação Básica é a continuidade articulada da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. O individuo só está pronto para terminar estas séries quando alcança o todo, ou seja, o saber adquirido na escola pode ser utilizado na vida fora do ambiente escolar (SIQUEIRA, 2010).

Como à escola cabe o desenvolvimento do ensino aprendizagem, a fim de capacitar e formar cidadãos aptos e dignos de conviver em sociedade, o professor tem papel fundamental de transformar as percepções dos alunos e torná-lo sujeito de capaz, acompanhando as mudanças da sociedade e meio em que vivem (RUZZA, 2008).

Além das Diretrizes Curriculares Nacionais, a Educação ainda tem como referência os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) que serve como instrumento para elaboração de projetos educativos para que o professor planeje suas aulas de acordo com as práticas educativas e o material didático que melhor represente sua aula (COSTA, 2008).

Nos Parâmetros, a arte desempenha função de essencial importância na aprendizagem dos alunos, estando relacionada as demais áreas do conhecimento, tendo suas especificidades (VENTURELLI, 2010).

Logo, tendo como base este objetivo a ser alcançado, o professor de arte tem o papel de garantir a qualidade no ensino da disciplina, caracterizando a arte na sociedade como ferramenta de conhecimento para indução e percepção do mundo. É necessário preparo adequado para que o docente responda às expectativas propostas nas Diretrizes e Parâmetros Curriculares, a fim de relacionar fielmente a arte à capacidade de criar, experimentar e entender a sociedade (SALOMÉ, 2010).

AS TECNOLOGIAS UTILIZADAS NAS AULAS DE ARTE

Apesar desse movimento pela autonomia do professor, incluir o docente na era tecnológica de maneira a desfrutar de toda comunicação e informação disponíveis, as medidas a qual a unidade escolar está sendo inserida são insuficientes e não contemplam esta autonomia necessária dada ao profissional (VENTURELLI, 2010).

A ideia da formação de pessoas obedientes, quietas e completamente dóceis está obsoleta, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, uma vez que a geração atual precisa de algo que prenda sua atenção, para isso, nada melhor do que tecnologias que inovam e reformulam a aula do professor (SILVA, 2010).

A discussão da importância dos meios tecnológicos na escola ainda é presente. Muitas unidades de ensino possuem televisões, aparelhos de mídia, projetores de slides, entre outros. Os recursos ainda mais utilizados são os computadores, porém, de forma antiquada; muitas vezes, a utilização acontece para simples reprodução de textos. As práticas mecânicas devem ser abolidas, dando espaço para o uso de computadores como ferramenta de pesquisa (COSTA, 2008).

Na disciplina de arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o uso das tecnologias novas deveria ser aproveitado melhor para edição de fotografias digitalmente, por exemplo. O importante mesmo é colocar o aluno em estado de reflexão, expressando suas ideias, ampliando a capacidade comunicativa e estética do indivíduo (SELIA E LOBÃO, 2013).

A capacidade de reprodução e ampliação de imagens, elaboração de desenhos técnicos e expressivos e o entendimento da comunicação visual podem ser explorados nas aulas de arte que propõe o uso de tecnologias, como o computador, para auxílio do desenvolvimento cognitivo do estudante. Observar a figura e entender a expressão é uma barreira para os alunos, logo, as aulas de arte podem agir como ferramenta facilitadora do conhecimento, especialmente durante os anos iniciais do Ensino Fundamental (VENTURELLI, 2010).

Qualquer área da disciplina de arte pode ser inserida no currículo por meio do uso de tecnologias, sendo necessário que o professor ressalte a importância do uso do computador, por exemplo, como ferramenta de apoio para não banalizar as aulas e os alunos deixarem de entender os objetivos propostos (FERREIRA, 2011).

Durante os anos iniciais do Ensino Fundamental, para auxiliar o professor na prática pedagógica com um computador em sala de aula e desenvolver atividades diferenciadas das práticas tradicionais, o uso de equipamentos de projeção de imagens permitindo espelhar a lousa com conceitos em slides, vídeos, imagens, textos ou até mesmo a produção digitalizada dos próprios alunos, de forma mais dinâmica (SELIA E LOBÃO, 2013).

Alguns programas de edição de imagens e fotografias são mais difíceis de manusear e adquirir na rede estadual, devido à especialização dos profissionais e a indisposição para compra dos softwares, mas eles permitem a manipulação de imagens e dispões de uma gama de ferramentas, que chama atenção dos estudantes, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental (FERREIRA, 2011).

As ferramentas de edição de filmes, possibilitando ao professor de arte um trabalho com assuntos variados, instigando a imaginação do estudante no momento das edições. O aluno é convidado a colocar em sua produção artística a subjetividade e a visão que ele tem diante daquela experiência, que é resultado dos signos e toda simbologia que o rodeia. A escolha pelos filmes a serem assistidos, deve levar em consideração a edição das partes que inspiram, provocam e apresentam novos conhecimentos (VENTURELLI, 2010).

De acordo com Ferreira (2011), a tecnologia beneficia a educação, quando inserida já nos anos iniciais do Ensino Fundamen-

tal, pois a implantação de aula que utilizam recursos digitais como instrumento de aprendizagem favorece a ampliação de pesquisas, inclusive nas aulas de arte, quando o estudante consegue buscar informações complementares dos conteúdos na Internet, por exemplo.

Dozza (2009) afirma que o acesso à tecnologia, como a adoção de computadores em sala de aula, não substituiu o professor, mas contribuiu com a prática docente, desde que corresponda a um elemento facilitador no processo de ensinar e apender.

Mesmo com toda essa resistência e dificuldade que os professores encontram para utilizar as tecnologias em sala de aula, existe uma preocupação com a adequação aos avanços tecnológicos. Os professores podem realizar cursos de informática, seja para atualização ou aprendizagem inicial, pois precisam estar adequados a realidade dos alunos (FERREIRA, 2011).

A arte é um elemento da cultura que teve seu espaço preservado no ambiente escolar ao longo dos tempos. O entendimento da arte, porém, permanece na cabeça dos professores de maneira fragmentada, transferindo aos alunos uma referência tradicional desta disciplina, com atividades que não movimentam as percepções verbais e não verbais, os sons, formas, cores e gestos (RUZZA, 2008).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998, mencionados anteriormente, afirmam que o professor, com sua especialização em arte, parte dos princípios trazidos pelo aluno e tornam seus prévios conhecimentos em ações (COSTA, 2008). O docente estando preparado para conduzir suas aulas de maneira tradicional, sem inovações ou dinamismo, seu discurso será limitado e não provocará impacto no aluno. É preciso conhecer e trabalhar com as formas não verbais de linguagem, como música, dança, produção de shows, noticiários, peças

teatrais, filmes, entre outras propostas (VENTURELLI, 2010).

A qualidade de ensino está diretamente relacionada à formação do professor que, por muitas vezes, desconhece a história da arte e seus desafios enfrentados para ser reconhecida como disciplina. Estes professores contribuem para a aprendizagem menor de seus alunos quando não exploram a capacidade de dedução, percepção e leitura do mundo nos discentes (PIMENTEL, 2011).

A referência de qualidade de ensino varia de profissional para profissional. Na educação, os valores, as experiências e a posição social do sujeito influenciam na perspectiva da qualidade da aula. Ainda existe uma certa confusão entre qualidade e quantidade de ensino: a própria unidade escolar acredita que qualidade está associada à quantidade de alunos presentes na sala, ou seja, quanto maior a procura, o acesso, melhor a qualidade da aula do professor (RAMALHO, 2009).

Esta visão de qualidade apresenta vários equívocos, pois acesso à escola significa número de vagas disponíveis, público presente (se a comunidade atende uma população carente, mais alunos vão abandonar a escola para ajudar suas famílias financeiramente), o local onde a escola esta inserida, dentre outros fatores que não são o foco deste trabalho (VENTURELLI, 2010).

Aqui, a percepção é a qualidade de aula de acordo com a formação do profissional em educação da arte. Os atuais cursos de Licenciatura em arte oferecem um ensino voltado ao desenvolvimento de várias formas de talentos, como em artes visuais para ensinar, entender e analisar as linguagens artísticas; na produção artística expressiva; na criação da própria linguagem artística poética e no trabalho de pesquisa com temas que representam a cultura brasileira (FERREIRA, 2011).

Estas técnicas são mais voltadas ao profissional graduado que escolhe pela educação, ou seja, seu comprometimento está em estimular o aluno a encontrar sua vocação artística ou aprimorar a percepção indutiva para melhor visão do mundo (COSTA, 2008).

Segundo Ramalho:

A formação dos professores deve merecer atenção especial, pois, a rejeição dos professores quanto à ideia de baixa qualidade se dá justamente por não se sentirem preparados para enfrentar o grande desafio. Para ensinar a todos com qualidade, é imprescindível que se esteja aberto a aprender e a inovar sempre. Desse modo, o investimento na formação permanente dos professores é fundamental para o processo de melhoria da educação (RAMALHO, 2009, p.87).

Ainda existe uma certa resistência por parte dos professores que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com relação ao inovar em suas aulas. A verdade é que a graduação prepara o professor de arte, mas ainda apresenta deficiência quando se trata de apresentar aos graduandos a realidade de uma sala de aula. Cabe a cada docente desenvolver suas aulas de maneira lúdica, com a didática necessária, buscando sempre informações variadas com os próprios alunos para saber inserir seu conteúdo a realidade do público (SALOME, 2010).

O professor deve estar em constante aprendizagem para não engessar e limitar seu ensino a reprodução de desenhos. As aulas de arte podem explorar o mundo e o docente é peça fundamental nesse processo por buscar melhorias na Educação e ter vontade de que seu aluno atinja as habilidades e competências necessárias para ser um bom profissional, futuramente (SILVA, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A iniciação deste trabalho dependeu da compreensão das origens do ensino de arte e sua trajetória percorrida até a atualidade, a formação dos professores e como os recursos tecnológicos enriquecem as aulas, deixando-as mais atraentes na visão do aluno.

Alguns professores defendem a ideia de que a arte é uma expressão pessoal de sentimentos e criações artísticas obtidas por meio do afeto e da emoção do aluno. Alguns profissionais observados durante o período de estágio afirmaram entender a função da disciplina de arte na escola como preparação de festas, enfeites e decorações, bem como o desenvolvimento da capacidade motora e estímulo aos dons artísticos dos alunos.

Apesar da arte representar alguns docentes um instrumento de autoexpressão, não se pode deixar o objetivo do desenvolvimento intelectual de lado. A importância desta disciplina está na capacidade de favorecer o crescimento da capacidade de dedução, indução, percepção e raciocínio do aluno, quando trabalhados adequadamente em sala de aula. Como qualquer outra área, a arte consegue estimular um elo entre a capacidade artística e a construção do conhecimento.

A prática nas aulas de arte, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, depende de um professor que transforme a teoria, seu saber e fazer artístico em propostas pedagógicas consistentes que estejam presentes na realidade do discente. É necessário que este profissional conheça sobre a arte, sua história, dificuldades e importância na mesma proporção que tenha a didática necessária para ser um bom professor, cuja prática ensine ao aluno pensar no que faz e como faz, aprofundando os saberes artísticos aos estéticos ao mesmo tempo e aproximando a cultura do aluno as demais culturas existentes na sociedade.

Partindo deste princípio, a conclusão obtida com a realização deste trabalho foi de que a qualidade proposta nos Parâmetros Curriculares Nacionais para as aulas de arte podem ser melhor alcançada, pois cada vez mais os profissionais da Educação encontram dificuldades e resistências do sistema educacional para um ensino eficiente e não podem utilizar estes problemas como justificativas para aulas tradicionais, que limitam a aprendizagem do aluno. O professor precisa ter consciência de sua importância na educação dos alunos e de sua disciplina.